

Olhe ao seu redor e observe aqueles que chamamos de “lutadores dedicados”. Eles têm uma vida cheia de dificuldades indescritíveis. Nisso está a fonte da sua vontade forte.

Mas por que eles encontram tantos obstáculos?

É porque eles se lançaram vigorosamente para a frente, ávidos de enfrentar a realidade, e implacáveis na sua decisão de dar a ela uma nova forma de acordo com a sua vontade.

Aqui nós chegamos à seguinte constatação: a necessidade de vencer o obstáculo cria a vontade. Mas, por sua vez, a própria vontade faz com que surja o obstáculo.

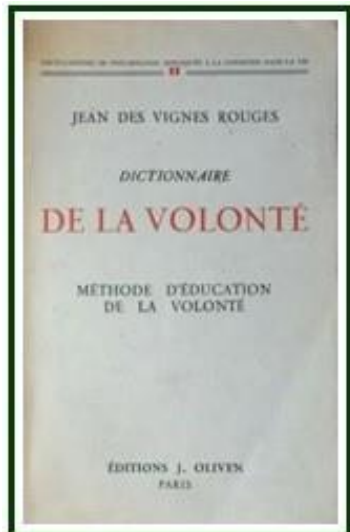
Uma prova desta verdade está no espetáculo dos idiotas desprovidos de vontade. O que acontece com eles? Para evitar problemas, eles deixam de querer, abandonam os seus desejos e se contentam com grunhir. Mas, ao recusarem preocupações, eles suprimem a si próprios.

Portanto, a vontade e o obstáculo geram um ao outro, e são inseparáveis. Ao querer, você inevitavelmente cria dificuldades, pois é preciso forçar a realidade a se curvar à sua vontade. Ao lutar para obter esta submissão por parte da realidade, você desenvolve a sua vontade.

Conclusão: quando as preocupações e os problemas bloquearem o seu caminho, aceite-os com alegria dizendo: “Que boa sorte! Eis finalmente a possibilidade que me é oferecida de me superar, ou seja, de vencer esse obstáculo. Vamos adiante!”

O descontentamento de ver o seu caminho obstruído por um obstáculo torna-se assim a causa de uma criação de si mesmo por você mesmo.

000



O texto “**O Obstáculo é Necessário Para a Vontade**” foi traduzido por CCA do livro «**Dictionnaire de la Volonté**», de Jean des Vignes Rouges, Éditions J. Oliven, Paris, 320 pp., 1945, pp. 213-214. O artigo original em francês está disponível nos websites da Loja Independente de Teosofistas: “[Obstacle, Condition de la Volonté](#)”.

000

* [Clique aqui para ver outros escritos de Jean des Vignes Rouges.](#)

000

As Contradições da Mafalda, Segundo os Desenhos de Quino



(Veja a próxima página)

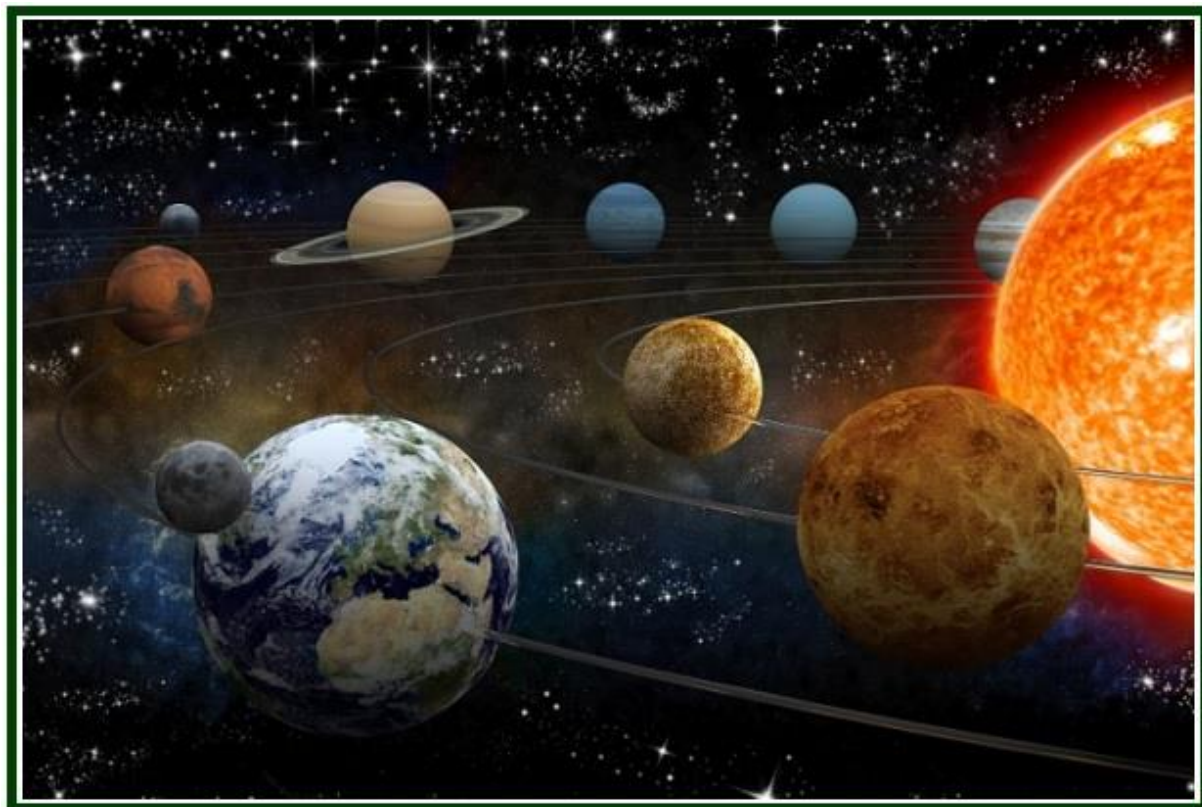


Do volume “**Toda a Mafalda**”, Edição comemorativa dos 50 anos, Quino, Editora Verbo - Babel, Lisboa, Portugal, 2014, 600 pp., ver p. 334.

Vivendo em Harmonia com o Céu

Há Uma Escada Pela Qual Podemos Chegar ao Mais Alto

Joana Maria Ferreira de Pinho



A Teosofia destaca o caráter setenário do Universo e da natureza. Para compreender a vida, é crucial considerar esse ensinamento, sem negligenciar outras doutrinas, como a dos ciclos, a lei do carma, a reencarnação, a analogia e a unidade fundamental de todas as coisas e seres.

Ao mergulhar no estudo teosófico, percebemos como todas essas doutrinas se entrelaçam, revelando que tudo o que existe expressa diferentes facetas de uma única realidade.

O ser humano, igualmente setenário, está sujeito às mesmas leis que regem estrelas, planetas e oceanos. É relativamente fácil identificar e compreender o movimento orbital da Terra. Hoje, todos sabem que a Terra gira sobre seu eixo, proporcionando a alternância entre o dia e a noite, além de realizar um movimento contínuo ao redor do Sol, movimento esse que determina, entre outras coisas, as quatro estações. A Terra é uma fiel peregrina.

A vida é movimento e é através dessas e de outras danças perpétuas que a alma imortal se manifesta, e o Universo inteiro evolui, progride e avança.

Alguns talvez reconheçam em suas próprias realidades individuais reflexos desses mesmos movimentos.

Por outro lado, até que ponto conseguimos identificar qual é o fator central na trajetória das nossas vidas?

A peregrinação individual que fazemos ocorre de que modo e em torno de que fato central? Reconhecemos que, apesar de uma parte da natureza humana necessariamente girar sobre si mesma, ela precisa ao mesmo tempo peregrinar em torno de algo muito maior do que ela?

Temos um corpo físico, uma espécie de microcosmo que se assemelha a um planeta, repleto de ricos ecossistemas, minerais, vegetais, animais e inteligências divinas. No aspecto psicológico desse mundo microcômico, experienciamos ventos astrais, enfrentamos tempestades e desfrutamos de calmarias. Lidamos com marés cheias e vazantes que exigem nossa compreensão. Assim como passamos por dias e noites, vivemos nossos próprios outonos e primaveras. A vida é uma jornada repleta de ciclos a serem compreendidos e gerenciados.

Plutarco ensinou:

“... A terra deu o corpo, a lua a alma e o sol o entendimento à geração humana.” [1]

Em nosso mundo individual, há um Sol ao redor do qual devemos caminhar. Há também uma Lua e um céu imenso, repleto de estrelas, para observar e ao qual devemos nos conectar.

São vários os textos publicados nos websites associados que abordam o simbolismo dos planetas, do Céu, da Lua, do Sol, e das Estrelas. Por exemplo, Blavatsky escreveu o seguinte sobre o Sol:

“O sol (...) representa para o mundo o que o eu superior significa para o ser humano. Com os seus seis companheiros [2], ele é a alma-central do mundo, assim como o eu superior é o centro para os seis princípios do homem. Assim, ele fornece para os seis princípios do ser humano muitos poderes e essências espirituais. O homem deveria por esse motivo pensar sobre o sol e não limitar-se a olhar para ele.” [3]

Em “O Significado da Estrela de Natal” [4], Carlos destaca a passagem de “A Voz do Silêncio”, na qual Blavatsky escreve: “a estrela que é a tua meta brilha no alto” e “a estrela que brilha no alto é ‘a estrela da iniciação’”.

A Lua está relacionada com o plano emocional. [5]

No texto “The Sun and the Moon in One’s Soul” (O Sol e a Lua em Nossa Alma), Carlos escreve que a Lua “representa a energia sutil do eu inferior, ou alma mortal” [6]. Ao mesmo tempo, a Lua ensina sacrifício, amor altruísta e respeito pelo passado. [7]

Sabemos que a Vida na Terra seria impossível sem o seu satélite natural - a Lua. Da mesma forma, não é possível avançar no Caminho maltratando o eu inferior.

O nosso corpo físico abriga uma divindade. Por isso é um espaço sagrado, assim como são sagrados a nossa Terra e tudo o que existe no Universo.

O corpo físico é um dos principais instrumentos do Eu Superior. É através dele, com todos os seus sistemas (nervoso, muscular, digestivo, sensorial, etc.) que podemos expressar o Eu espiritual, que nos tornamos aptos a sentir, pensar, criar e fazer escolhas que nos aproximem do ideal.

Jean des Vignes Rouges escreveu no texto “A Energia da Vontade”:

“...A força da sua vitalidade tem origem num princípio espiritual. Certo. Mas esse espírito só se manifesta enquanto tiver à sua disposição um instrumento: o corpo. E isto está sujeito a leis naturais que são implacáveis.” [8]

Quando se fala de autodisciplina em teosofia é comum associar o tema à ideia de controlar o eu inferior e estabelecer uma série de hábitos que ajudem o estudante a purificar e a elevar pensamentos e emoções através do exercício da vontade. E isso é correto. No entanto, a vontade é fortemente influenciada pelo corpo físico e o eu inferior. Jean des Vignes Rouges menciona o fato:

“A cada momento, a nossa vontade é influenciada pelo estado atual do nosso organismo.” [9]

Um corpo sadio facilita a construção de uma vontade forte e eficaz. Ao mesmo tempo, a vontade pode ser melhor exercida quando os seus instrumentos e veículos estão em um estado de funcionamento ótimo. O corpo físico de cada um de nós, com todos os seus níveis de consciência, é também um instrumento da vontade superior do ser humano. Ao mesmo tempo são necessárias boas doses de vontade e perseverança para criar novos hábitos e expandir a autodisciplina.

É familiar para os estudantes de teosofia a ideia de construção de hábitos que sustentem a caminhada em direção ao autoaperfeiçoamento e à sabedoria divina.

Pensamento correto, emoção correta e ação correta são tarefas que todo teosofista sincero visa realizar. No entanto, olhando para a generalidade do movimento teosófico, vemos pessoas de boa vontade presas a um jogo de palavras e fazendo do ensinamento uma coleção de frases a proferir, quando as ideias e os ensinamentos foram dados à humanidade como algo vivo e para serem aplicados à vida diária. É transformando o ensinamento em uma prática que o ensinamento se torna reformador da alma humana. Esse tem sido o objetivo e o compromisso da Loja Independente.

Construir uma vida dedicada ao ideal talvez seja uma obra mais simples de empreender do que se possa pensar à primeira vista.

Quiçá grande parte das dificuldades esteja na forma como se olha para si próprio, fragmentando o Ser, separando-o em partes, trabalhando nas dimensões consideradas superiores e espirituais e ignorando todas as outras. No meu entender isso é um erro. Só podemos ser completos integrando as várias camadas da vida e estabelecendo uma harmonia entre elas, assim como a Terra está em harmonia com o Sol e a Lua.

Todos os aspectos da nossa existência diária podem ser meios de exercício da vontade e meios de expandir a virtude, pois todos eles fazem parte da Vida Maior. Por exemplo, a

construção de bons hábitos alimentares pode ser excelente para desenvolvermos a vontade, a compaixão, a gratidão.

Optar por comer alimentos saudáveis, na quantidade adequada, não é apenas uma forma de cuidarmos do nosso corpo e preservar a saúde, é igualmente um meio de respeitar a morada do Eu Superior. É ainda uma forma de ter mais clareza mental, tão necessária para compreendermos a nós mesmos e a Vida e fazermos escolhas acertadas.

Uma alimentação vegetariana está livre do Carma provocado pela crueldade contra os animais. Escolher alimentos da época mantém-nos dentro dos ritmos naturais. Evitar aromatizantes e corantes artificiais é uma forma de prevenir um vasto leque de distúrbios físicos, e ajuda a prevenir distúrbios morais através da opção pela autenticidade. Algo parecido pode ser dito sobre o exercício físico, os horários de dormir e de acordar, etc. Até a postura física reflete o que nos vai na alma, e o que vai na alma pode ser modificado mudando a postura. Nada disso é fácil, mas sempre se pode avançar e progredir pouco a pouco.

Tudo se interliga e poderiam ser dadas centenas de exemplos sobre a comunicação que existe, às vezes invisível e silenciosa, entre as várias dimensões da natureza humana.

Em uma reunião da LIT em 2024, Carlos abordou um texto de Jean des Vignes Rouges [10], no qual o pensador francês define o ser humano como “um pacote ambulante de hábitos”.

JVR afirma que é estabelecendo uma série de hábitos que podemos educar profundamente a vontade. Carlos comparou o processo à condução de um carro. Depois dos bons hábitos estarem alicerçados, tudo funciona como se estivéssemos a dirigir um automóvel. Não é preciso decidir cada detalhe com todo cuidado. As ações fluem. Tendo esse exemplo como referência, podemos olhar para os hábitos como meios que nos permitem conduzir o veículo cujo nome é “eu inferior”. Usamos o volante, as mudanças, o freio, o espelho, as luzes, o acelerador, sem pensar no processo de travar ou acelerar. Estamos assim preparados para eventuais imprevistos que possam surgir e concentrados com eficiência na condução do veículo e no destino que buscamos alcançar. Os bons hábitos são nossos aliados.

Estamos habituados a dar ordens ao eu inferior, exercendo domínio através do uso da força bruta. Esquecemos que mais eficaz do que isso é dar ao eu inferior bons hábitos, fazendo com que quase de forma automática o eu inferior esteja sob o nosso domínio. Assim, o autocontrole não é tanto um procedimento de uso de força externa, apesar de esse tipo de força ter por vezes de ser exercida. Ele é sobretudo um processo de educação.

Para que o poder da vontade seja crescente, eficaz e duradouro, precisa ser exercido com realismo e uma certa dose de humildade. A vontade cresce na maior parte das vezes através de ações aparentemente inúteis. As manifestações heroicas da vontade são possíveis, mas é difícil de manter muito tempo a vontade aplicada dessa forma.

Pequenas mudanças no dia-a-dia fazem toda a diferença no fortalecimento da vontade. O respeito pelo nosso corpo físico e eu inferior é fundamental para que a cooperação entre os vários níveis de consciência tenha lugar. Essa coordenação permite a harmonia que nos torna seres completos.

Olhamos para cima com veneração, gratidão e respeito. Ansiamos por nos aproximar. No entanto, devemos ir além da contemplação do ideal. Debajo dos nossos pés, sustentando a

nossa existência, estão os degraus que precisamos percorrer para chegar ao alto. Sextus, o pitagórico, ensinou: “Viver é algo que não depende de nós, mas viver corretamente, sim.”[11]

NOTAS:

[1] Palavras citadas por Helena P. Blavatsky em “[A Chave da Teosofia](#)”, p. 104.

[2] Nesta altura, uma nota de Carlos explica as palavras “seus seis companheiros”. Ele esclarece que segundo a teosofia clássica existem sete planetas sagrados: o Sol, Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, a Lua, e Mercúrio.

[3] Palavras citadas no texto “[Sol, o Deus Que Ilumina a Terra](#)”, de Carlos.

[4] “[O Significado da Estrela de Natal](#)”.

[5] Ver o artigo “[Nossa Semana e o Sistema Solar](#)”, de Carlos.

[6] “[The Sun and the Moon in One’s Soul](#)”, artigo de Carlos.

[7] Ver o texto “[Oração aos Planetas](#)”.

[8] Do artigo “[A Energia da Vontade](#)”.

[9] Do texto “[A Energia da Vontade](#)”.

[10] Ver “[O Hábito, a Intenção e a Vontade](#)”.

[11] Do artigo “[Sete Ideias Para Uma Vida Teosófica](#)”, de Carlos.

000

O texto acima serviu como material para um estudo da LIT em 2024, e foi publicado também na edição de janeiro de 2024 de “[The Aquarian Theosophist](#)”, pp. 3-7.

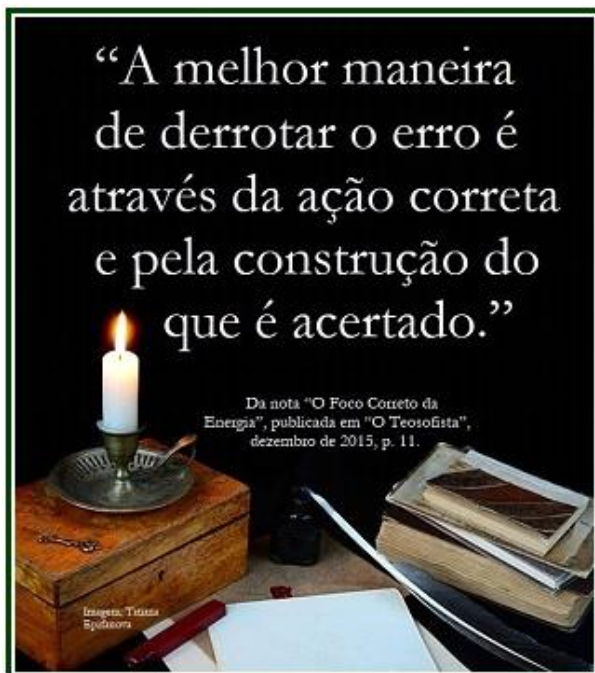
000

Imagine um bebê que acaba de nascer neste instante. Ele não tem cara de executivo, não carrega uma mala com alça na mão e não olha constantemente o telefone celular. No entanto, não há dúvida. É um administrador.

O próprio fato de viver é administrar. Deveria haver uma disciplina chamada “Estratégias de Administração” a ser estudada pelas crianças que ingressam em cada escola de primeiro grau. Por um motivo muito simples: não é possível esperar a idade adulta para administrar. Fomos nomeados diretores executivos da nossa vida no exato momento de nascer, e tivemos de assumir imediatamente o cargo.

[Clique para ler o artigo](#)
[‘O Administrador do Futuro’](#)

000



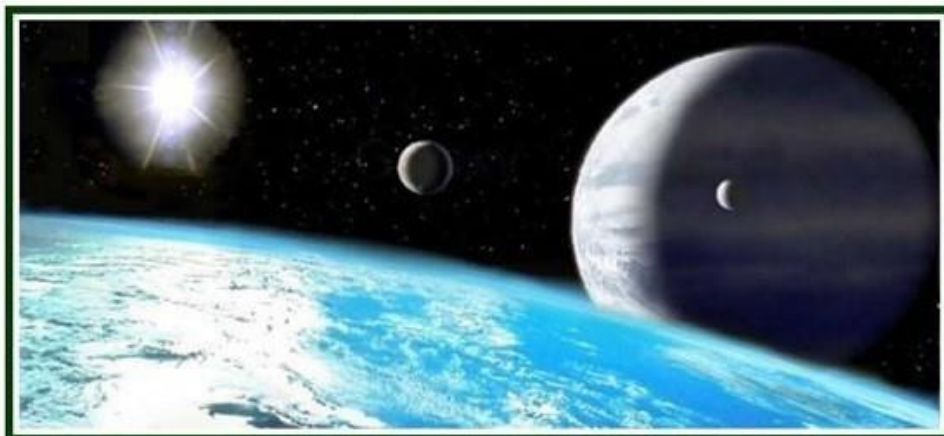
Clique em qualquer imagem ou citação, e veja a fonte a que ela se refere



* O e-grupo SerAtento pode ser visto como uma egrégora ou campo energético que rodeia um ideal e um saber filosófico de caráter planetário. Enxergando o SerAtento como um processo vivo, é possível investigar em que **plano da realidade ele existe, já que sua atividade não ocorre exatamente no plano físico.**

(Arnalene Passos do Carmo, em “O SerAtento Como Sala de Aula”)

Ligue a Luz da Atenção



Deixe de lado a atmosfera mesquinha fabricada por egoísmos infantis em luta. **Amplie** o seu horizonte para além das ações cegas.

Use a **teosofia clássica** como uma lâmpada, e olhe para sua vida diária à luz da alma imortal.

É possível construir lentamente uma Escada de Jacó, uma ponte viva entre o humano e o sagrado em sua existência diária.

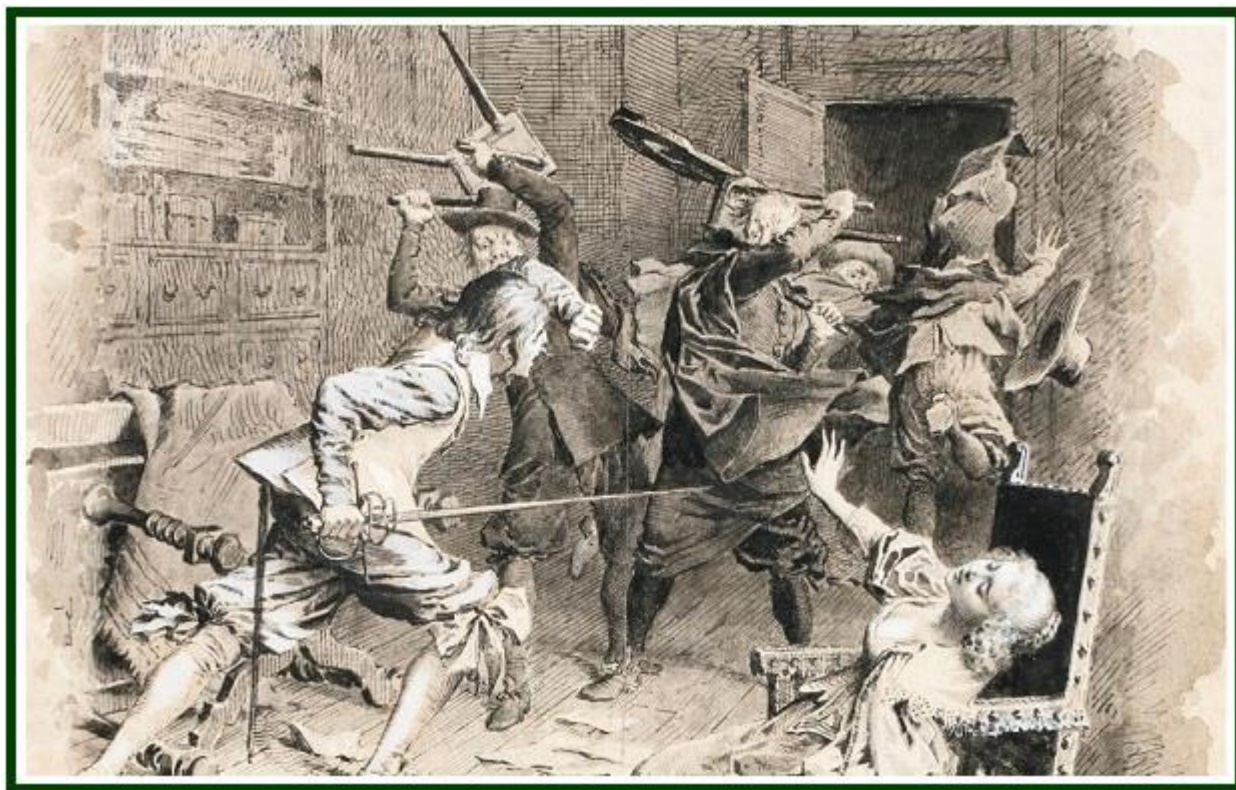
Ingresse gratuitamente no grupo **SerAtento** em Google Groups:
<https://groups.google.com/g/seratento>

Mude sua vida para melhor. Fazendo parte do [SerAtento](https://groups.google.com/g/seratento), você está em contato com a teosofia todos os dias:

<https://groups.google.com/g/seratento>

Alexandre Dumas e os Conflitos Sociais

A Filosofia Ética dos Quatro Mosqueteiros



D'Artagnan protege uma jovem em perigo: desenho clássico de Maurice Leroy. [Imagem: Wikipédia em Francês]

Nas obras de Alexandre Dumas (pai), os conflitos sociais parecem não fazer sentido. Um sentimento de humanismo e respeito pela Vida permeia os seus escritos, ignorando divisões ideológicas e diferenças de classe social.

Os heróis dos romances de Dumas estão dos dois lados dos conflitos políticos em grande escala. Há pessoas honestas e idealistas nos diversos campos de opinião, e eles estão colocados lá e cá pelas ondas aparentemente cegas do destino e das circunstâncias. Ao mesmo tempo que eles cumprem lealmente o seu dever externo, o verdadeiro conflito ocorre em suas almas: é a luta entre a boa vontade e o egoísmo; entre a lealdade e o medo, ou ambição.

A dinâmica externa dos conflitos sociais e militares é governada em grande parte por uma constante mudança de marés. Ao mesmo tempo, ocorre uma luta mais profunda e mais silenciosa na consciência dos indivíduos. Não é fácil harmonizar de modo perfeito os níveis contraditórios de deveres que cada um deve cumprir, ou de compromissos a que precisa ser leal.

Tudo o que é humano tem aspectos contrastantes. Com frequência há respeito entre adversários que lutam um contra o outro de maneira feroz. Por outro lado, também pode acontecer uma traição disfarçada entre aliados e amigos. Tudo depende da força da ética e da honestidade nas almas. Infelizmente, nem todo grupo humano é capaz de compreender a severa Lei que exige Lealdade entre aqueles que desejem obter qualquer grau de contentamento durável. A seguinte tese parece ser implicitamente defendida em Alexandre Dumas, através dos fatos que ocorrem em seus romances:

“A humanidade ainda está em sua infância. Sistemas estáveis de ódio organizado resultam da ignorância humana. No entanto, toda alma bem informada é mais ou menos consciente do princípio central da filosofia do Oriente que afirma: *o ódio não se extingue pelo ódio, o ódio se extingue pelo respeito impessoal e pela boa vontade.*”

Por outro lado, nenhum acordo racional é possível com agressores psicóticos: pense em Milady de Winter, em “Os Três Mosqueteiros”, ou Mordaunt, em “Vinte Anos Depois”.

A Filosofia dos Mosqueteiros

Alexandre Dumas defende a ética tradicional em seus romances, mas faz isso de uma maneira ampla e inteligente, através de narrativas que tendem a elevar a vida dos seus leitores como um todo. Dumas aceita as contradições humanas como fatos básicos. Ele tira lições espirituais práticas das imperfeições da nossa humanidade, que descreve com um senso de humor fraterno e solidário.

“Os Três Mosqueteiros”, “Vinte Anos Depois” e “O Visconde de Bragelonne” abordam de maneira fascinante uma luta: a batalha entre os velhos valores morais da Idade Média - pensemos nos Cavaleiros Templários, por exemplo - e a moderna ausência de ética da sociedade organizada em torno do dinheiro, nos séculos recentes, cuja teologia do egocentrismo foi estabelecida em grande parte pelos Jesuítas.

Ao enfrentar o mundo moderno, Dumas defende moderadamente o antigo Código de Honra e ética dos cavaleiros; no entanto, ele não é necessariamente um conservador, e não se apega à ordem social da Idade Média como tal. A compaixão ilimitada que ele tem compartilhado desde os anos 1840 com os seus leitores ao redor do mundo promove a solidariedade social e a ajuda mútua.

O paradoxo é parte da vida. Assim como Helena Blavatsky, Dumas foi amigo de Giuseppe Garibaldi, e um verdadeiro amigo da paz. Porém não há maneira fácil de evitar as guerras, nem a ignorância espiritual.

O longo duelo entre a ética tradicional e o egoísmo moderno permeia os romances de Dumas. A luta entre a honra e o conforto ocorre fundamentalmente dentro da mente humana. Secundariamente, ela faz barulho no drama das nações organizadas. A alma humana e a sociedade humana são uma só.

Nos parágrafos a seguir, traduzimos e comentamos frases filosóficas selecionadas de “Os Três Mosqueteiros” e da sua continuação “Vinte Anos Depois”.^[1]

De ‘Os Três Mosqueteiros’

* **Não devemos confundir prudência com covardia; a prudência é uma virtude.** (Maxi-Poche, p. 260)

Ao treinar seu discernimento, o peregrino se torna capaz de ver a diferença entre as duas coisas.

* **[Um determinado rei], como todos corações fracos, tinha pouca generosidade.** (Maxi-Poche, p. 686)

Em outras palavras, a fraqueza moral provoca uma falta de generosidade. E a recíproca é verdadeira: a coragem moral está associada a uma intenção generosa.

* **Um cavalheiro não possui nada além da sua palavra.** (Maxi-Poche, p. 269)

A sinceridade para com o seu semelhante surge da honestidade consigo mesmo. A verdade é como o Sol: manda a sua luz em todas as direções inevitavelmente. No entanto, o discernimento é indispensável: as ações falam mais alto que as palavras, e o silêncio é com frequência uma forma de sabedoria.

* **Como eu não sou um cavalheiro da nobreza, posso mentir.** (Maxi-Poche, p. 275)

A frase pertence a um romance ambientado no século dezessete. Desde o século vinte, a nobreza deixou de ser uma convenção social: é agora uma virtude da alma, visível apenas para quem tem olhos para ver.

A nobreza moral é mais importante que o status social. Por outro lado, um patife só consegue ver as aparências e portanto concentra os seus esforços em enganar. O primeiro passo pelo qual o idiota prepara a sua própria punição cármica consiste em acreditar que é muito esperto - e mais inteligente que os outros.

* **Por trás de cada forma de felicidade no presente, há oculto no futuro um medo.** (Maxi-Poche, p. 427)

Um princípio importante da filosofia esotérica. “A Voz do Silêncio” afirma: “...A tua alma encontrará as flores da vida, mas sob cada flor haverá uma serpente enroscada”.[2]

A autoilusão deve ser evitada: o preço a pagar pela autoindulgência é muito alto.

* **O Tempo traz a oportunidade. A oportunidade é o sistema de apostas do ser humano: quanto mais forte o seu compromisso com a sua meta, tanto mais ganhará, se souber esperar.** (Maxi-Poche, p. 463)

Ser capaz de esperar por um tempo imprevisivelmente longo é tão importante quanto saber agir com a velocidade de um relâmpago. Uma paciência total permite que você tenha uma intensidade ilimitada.

* **Uma preocupação excessiva só pode ser combatida por uma indiferença extrema.** (Maxi-Poche, p. 442)

Em certas ocasiões, a humildade, o desapego e a indiferença diante de fatores não essenciais ajudam o peregrino a evitar a ansiedade em relação a acontecimentos externos.

De ‘Vinte Anos Depois’

* **Pitágoras mandava seus discípulos manterem silêncio durante cinco anos para ensiná-los a estarem quietos.** (Éditions Robert Laffont, p. 598)

O silêncio torna mais fácil escutar a sua consciência e sua alma espiritual.

* **Uma boa ação jamais se perde.** (Éd. Robert Laffont, p. 618)

Tudo é parte do carma: mesmo um pensamento tem resultados práticos. Em situações em que é impossível realizar uma ação externa correta, *a boa intenção honesta produz bons resultados cármicos de acordo com a sua intensidade.*

* **O sangue chama sangue.** (Éd. Robert Laffont, p. 674)

Um ato de violência estimula outro, e um conflito militar leva a outro, até que a reação cármica surge e a harmonia é restaurada. Há amplas cadeias de causas que visam criar conflito e provocar sofrimento, enquanto outras cadeias de causação produzem justiça, equilíbrio, aprendizado interior, uma estabilidade da alma, contentamento, e paz. Cabe escolher uma cadeia de causas que é correta, e agir à altura.

* **Não há nada mais convincente do que uma grande convicção; mesmo as pessoas cétricas são influenciadas deste modo.** (Éd. Robert Laffont, p. 690)

As ações e as ideias se espalham pelo exemplo, e através do poder natural do seu magnetismo vivo. Mas há um tempo de plantar, e um tempo diferente para colher.

* **Um hábito de doze ou quinze anos tornou-se uma segunda natureza.** (Éd. Robert Laffont, p. 703)

No entanto, se você tem um velho hábito que é um obstáculo ao seu aprendizado espiritual, lembre bem de uma coisa: ninguém é jamais demasiado velho para corrigir as suas limitações. A preguiça sempre pode ser derrotada por uma ação calma e perseverante, e por uma intensa determinação de melhorar a si mesmo. A tradição pitagórica recomenda: “faça o que é correto, e com o tempo a ação correta se tornará agradável para você”.

* **É da natureza humana procurar a perfeição ao fazer doces e pasteis, assim como em outras coisas.** (Éd. Robert Laffont, pp. 712-713)

Porém não desperdice sua energia em futilidades, porque algumas coisas são importantes, e outras não. A perfeição absoluta não é fácil de alcançar, mas tudo pode avançar um pouco na direção certa. Melhore a si mesmo em primeiro lugar, e o mundo inteiro vai melhorar a seu devido tempo.

* **O sono é uma divindade muito caprichosa, e é precisamente quando a invocamos que ela nos faz esperar.** (Éd. Robert Laffont, pp. 719)

Há algo de sagrado na transição para o sono. Você passa por uma porta invisível, e novas dimensões se abrem em sua frente, de acordo com o estado atual da sua alma.

* **Vejo a ingratidão não como um erro ou um crime, mas como um vício, o que é muito pior.** (Éd. Robert Laffont, p. 729)

O sentimento de gratidão significa que nossa alma está viva. A reciprocidade é parte da Lei da Simetria que regula a vida.

* **A aparência dos objetos externos é como um fio condutor misterioso, que se corresponde com as fibras da memória e às vezes a desperta apesar de nós mesmos. Uma**

vez que este fio é despertado, tal como o fio de Ariadne, ele nos leva a um labirinto de pensamentos onde nós nos perdemos enquanto seguimos a sombra do passado a que chamamos de memória. (Éd Robert Laffont, pp. 811-812)

E o passado deve ser venerado, porque é uma fonte ilimitada de lições úteis para o presente e conhecimentos inspiradores para o futuro.

*** [Um filho diz a seu pai:] O teu coração é tão generoso que tu compreendeste tudo o que estava acontecendo no meu.** (Éd. Robert Laffont, p. 813)

A afinidade torna transparentes os sentimentos e os pensamentos. Uma visão inegoísta da vida não quer e não necessita distorcer os fatos. Ao compreender a lei da unidade de tudo o que existe, o peregrino pode olhar para os fatos sem as lentes oferecidas pelo egocentrismo. No entanto, um severo discernimento é indispensável.

Cabe lembrar que os covardes e os traidores não têm ideia do que seja respeito mútuo. Infelizmente, só se pode ser generoso com aqueles que o merecem. Pessoas que obedecem a um ódio cego veem a generosidade como mero sinal de fraqueza e tiram proveito dela para atacar você de modo traiçoeiro.

*** É com pequenos exércitos que podemos ganhar as grandes batalhas.** (Éd. Robert Laffont, p. 849)

Corporações de grande porte normalmente não têm alma, ou não conseguem ouvi-la. Burocracias complexas são com frequência pouco inteligentes. Um poucas pessoas bem-intencionadas fazem a diferença. Por esse motivo Moisés Maimônides escreveu: “Quando eu tenho um assunto difícil para examinar - quando sinto que o caminho é estreito e não vejo nenhuma maneira de ensinar uma verdade bem estabelecida exceto dizendo algo que agrada a um homem inteligente e desagradar dez mil tolos - eu prefiro dirigir-me ao homem inteligente, e ignoro completamente a condenação da multidão.” [3] A sabedoria surge de um calmo pensamento independente, e não de propaganda feita em grande escala.

*** Em relação aos nossos superiores, e especialmente quando nossos superiores são príncipes, a suprema cortesia é obedecer sem demora e sem raciocinar.** (Éd. Robert Laffont, pp. 849-850)

Se você por acaso interage com alguém que faz o bem e é mais sábio que você, aproveite este privilégio. Ajude esta pessoa de modo totalmente sincero, sem demora nem segundas intenções. Siga a sua consciência. Tente aprender sabedoria autêntica com este peregrino - e com todas as coisas.

*** Athos, como todas as pessoas de natureza nobre, não transmitia aos outros as impressões dolorosas sentidas por ele, mas, ao contrário, ele sempre as absorvia em si mesmo e respondia a elas com esperanças e sentimentos reconfortantes. Era como se as suas dores pessoais saíssem de sua alma transformadas em alegria para os outros.** (Éd. Robert Laffont, p. 890)

Faz parte da natureza humana que cada um compartilhe com os outros aquilo que é. As pessoas honestas tornam melhor tudo o que vem até elas, e trabalham inevitavelmente para construir um mundo bom.

NOTAS:

[1] **Os Três Mosqueteiros: “Les Trois Mousquetaires”**, Maxi-Poche Classiques, Maxi-Livres, 1997, 696 páginas. Copyright 1994, Booking International Paris. **Vinte Anos Depois: “Vingt Ans Après”**, em **“Les Trois Mousquetaires, Vingt Ans Après”**, Les Grands Romans d’Alexandre Dumas, Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 1991, editado e anotado por Claude Schopp, 1388 páginas. Ver também a segunda continuação de **“Os Três Mosqueteiros”**, **“Le Vicomte de Bragelonne”**, em cinco volumes, publicada em Paris por Nelson Éditeurs, em 1955.

[2] A passagem se refere ao Salão do Aprendizado Veja o Fragmento I, parágrafo 26 de **“[A Voz do Silêncio](#)”**, de Helena P. Blavatsky (Ed.), página oito. A respeito do severo equilíbrio cármico entre felicidade e sofrimento, leia o artigo **“[A Lei da Simetria](#)”**.

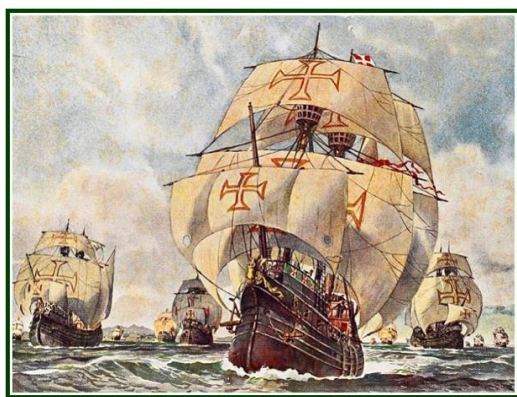
[3] **“The Guide for the Perplexed”**, Moses Maimonides, Dover Publications, Inc., Nova Iorque, 414 pp., ver “Introduction”, p. 9.

000

“Alexandre Dumas e os Conflitos Sociais” é uma tradução - feita pelo autor - do artigo **“[Alexandre Dumas and Social Conflicts](#)”**. O texto original está disponível no nosso blog em **“[The Times of Israel](#)”**.

000

Leia mais:



- * **[O Mistério dos Templários.](#)**
- * **[A Meta - Você Sabe o Que Você Quer?](#)**
- * **[Tensão Voluntária Durante e Prece.](#)**
- * **[O Hábito, a Intenção e a Vontade.](#)**
- * **[A Teoria da Felicidade, Segundo Einstein.](#)**

000

Sol, o Deus Que Ilumina a Terra

O Lado Sagrado da Estrela do Nosso Céu



Intuitivamente, a humanidade sempre reconheceu a importância do Sol. Formando um par com Gaia, a mãe-Terra, o astro-rei era visto como uma divindade paterna. A vida não seria possível sem esse centro de luz, calor, esperança e vitalidade. Ele era um pai físico e espiritual, reverenciado nas mais diferentes culturas como um deus de suprema importância.

Os povos andinos adoravam Viracocha, síntese do deus-trovão e do deus-sol, um ser cósmico que chora de compaixão e assim produz as chuvas que fertilizam a terra. Os caldeus davam ao deus-sol o nome de Bal ou Bel; os persas, de Mitra; os fenícios, de Adonis; e os egípcios de Áton e Rá.

O mito da ressurreição não é de modo algum exclusividade do cristianismo, e tem íntima relação com o culto solar.

A ideia do renascimento periódico ocorre em religiões mais antigas que o cristianismo, inclusive na Babilônia, na Assíria e - através do bem conhecido mito de Osíris - no Egito. Sua lição básica é de que o sol é um centro de energias universais. Seu ciclo divino de atividade inclui a aparição, a desapareção e o reaparecimento periódicos. Tudo no Universo está sujeito ao ciclo de nascimento, morte e ressurreição (ou reencarnação). Nada se perde, nada se cria, tudo se recicla na natureza. A cada noite corresponde um novo dia; a cada inverno, um novo verão, a cada outono, uma primavera.

O trecho acima pertence ao artigo
‘Sol, o Deus Que Ilumina a Terra’

Ideias ao Longo do Caminho

O Cidadão de Boa Vontade Busca Algo Que Está Além dos Cinco Sentidos



* A criação contínua de hábitos novos e mais corretos é uma tarefa a ser feita gradualmente, com firmeza. Mas céu e terra são inseparáveis em tudo. O dever terrestre da autodisciplina diária exige uma compensação superior que ocorre na direção da transcendência.

* O treinamento do eu inferior em autocontrole e o treinamento do mesmo eu inferior na sua autoidentificação com o universo são igualmente indispensáveis. Porém, a ordem de prioridades não é necessariamente fixa. Uns começam pela Jnana (a identificação com o universo); outros começam com o autocontrole (Raja Ioga); e outros ainda dão prioridade parelha aos dois elementos.

* Os dois pratos da balança precisam de equilíbrio. Eles representam o Yin e o Yang, o pequeno e o grande. O fiel da balança, que mantém o equilíbrio, é a intenção correta: a vontade central de fazer o bem. Uma vez mantido esse rumo, tanto vitórias como derrotas são fontes de aprendizado.

* A intenção de fazer o bem surge naturalmente da percepção direta (não-pensada e não-calculada) de um fato elementar: *a plenitude da consciência está na boa vontade e na perspectiva do cumprimento do dever*. No entanto, esse fato básico pode ser dito de maneiras muito diferentes.

* É preciso sempre transcender as palavras, ainda que tratando de usá-las com precisão. Quando o pensamento é lúcido, o terreno das palavras é como uma pista de aeroporto da qual o peregrino levanta voo para alcançar a compreensão imediata intuitiva.

* O sacrifício é o caminho da felicidade: o egoísmo é o caminho que leva ao sofrimento. Muitos encontram a felicidade interior enquanto fazem sacrifícios dolorosos por uma causa nobre. O prazer que importa, para eles, é a satisfação da alma espiritual, e não do eu físico.

* Todo bom atleta faz renúncias para obter o privilégio de exercer o seu esporte. O buscador da sabedoria enfrenta situações difíceis para ter o prazer de trilhar o caminho do conhecimento divino. Os grandes instrutores fazem sacrifícios de longo prazo pelo bem da humanidade. Por causa disso, a consciência normal dos sábios é completamente abençoada e funciona acima do reino humano tal como nós o conhecemos.

* Há sempre um elemento de satisfação na caminhada espiritual: a meta não é tornar-se uma múmia insensível. O cidadão de boa vontade busca o prazer da bênção espiritual, da consciência tranquila, de ouvir a voz do silêncio. Ele deseja a satisfação que transcende os cinco sentidos. Ele sente um contentamento por ajudar os outros e a humanidade. Ele tem o prazer indescritível de renunciar ao egoísmo, de buscar o discipulado, de ser leal a uma meta elevada, e de obedecer à sua própria visão da vida.

La Rochefoucauld

* O pensador francês La Rochefoucauld escreveu: “A inveja é destruída pela verdadeira amizade, e a sedução pelo verdadeiro amor”. [1] La Rochefoucauld nasceu em 15 de setembro de 1613 e viveu até 1680.

Compaixão Não Pode Ser Fato Isolado

* Assim como outras qualidades, o sentimento de compaixão não anda sozinho. Ele funciona junto com o discernimento, com a coragem, com o realismo, o senso de responsabilidade, o sentido de moderação, a persistência. O enfoque diante das qualidades desejáveis é integrado. A compaixão deve estar ao lado da severidade e do discernimento. A coragem precisa ser compensada pela prudência, e só funciona se houver bom senso.

* Em muitos casos a compaixão ocorre através do rigor. Um médico com frequência precisa ser severo ao agir para salvar a vida de alguém. Se os pais tiverem compaixão pelos filhos e quiserem o bem deles, terão que exercer um grau significativo de severidade. [2]

* A compaixão nem sempre parece compaixão, assim como a sabedoria nem sempre é visível, e o verdadeiro sábio com frequência parece tolo. (CCA)

NOTAS:

[1] “**Œuvres Complètes**”, La Rochefoucauld, Bibliothèque de la Pléiade, Librairie Gallimard, Paris, 1950, texte établi et annoté par L. Martin-Chauffier, 675 páginas. O pensamento está na p. 300: constitui a máxima 376 da edição de 1678.

[2] Leia também o artigo “[A Energia da Compaixão](#)”.

